

AVELAR, J. & GALVES, C. 2013. Concordância locativa no português brasileiro: questões para a hipótese do contato. In: M. D. Moura & M. A. Sibaldo (orgs.). *Para a História do Português Brasileiro*. 1ª ed. Maceió: Edufal. 103-132.

## **Concordância Locativa no Português Brasileiro: Questões para a Hipótese do Contato**

**Juanito Avelar & Charlotte Galves**  
*Universidade Estadual de Campinas*

### **1. Debates sobre a formação do português brasileiro: contato vs. deriva**

Os debates sobre a formação do português brasileiro têm sido pautados, em grande medida, pela polarização de ideias a respeito dos fatores responsáveis pela emergência de marcas gramaticais que singularizam suas variedades frente ao português europeu.

Um dos lados da polarização atrela as características do português brasileiro a propriedades que também estariam presentes no português europeu, ainda que de modo “latente” ou “marginal”. As inovações gramaticais atestadas no português brasileiro seriam, nesse sentido, resultantes do que tem sido analisado como uma *deriva* condicionada à evolução natural das línguas românicas. Entre os trabalhos recentes mais representativos dessa visão, reunidos sob o que se convencionou chamar de **hipótese da deriva**, está o de Naro & Scherre (2007), que argumentam em favor da ideia de que “no português do Brasil inexistente influência gramatical específica de qualquer língua africana, ou de língua de qualquer outra proveniência não portuguesa, como também não existe nenhuma forma ou estrutura inteiramente nova criada por um processo geral de simplificação durante a fase de aquisição da língua” (p. 182). Para esses autores, “toda a gama de traços variáveis evidentes e/ou abstratos, embora com porcentagens de uso talvez ínfimas, veio toda, em suas origens, com os portugueses”.

O outro lado da polarização investe no que podemos chamar de **hipótese do contato**, segundo a qual as dinâmicas de contato interlinguístico tiveram um papel fundamental na emergência de propriedades do português brasileiro, em particular aquelas que marcam as suas variedades populares, aí se destacando os aspectos mais gerais da sintaxe de concordância. Dentre essas dinâmicas, o papel das línguas africanas tem merecido especial atenção, tendo em vista que os africanos e afrodescendentes chegaram a compor a maior parte do contingente populacional em grande parte do território brasileiro entre os séculos XVII e XIX (Mussa 1991). As propostas situadas nesse lado da polarização não são, contudo, consensuais quanto às hipóteses sobre o tipo de “ação” que os africanos e/ou suas línguas teriam desempenhado sobre a fixação de propriedades singularizadoras do português

brasileiro. As hipóteses vão desde a ideia de que tais propriedades resultam de um processo de criouliização ou semi-criouliização (Guy 1989; Holm 1987, 1992) àquelas que reconhecem o protagonismo dos africanos sem, contudo, condicioná-lo à criouliização estrita. Entre essas últimas, podemos destacar a visão de Lucchesi (2009), para quem o contato interlinguístico resultou em um “processo de transmissão irregular do tipo leve que estaria na base da formação das atuais variedades populares do português do Brasil” (pp. 71-72). Cabe chamar a atenção, dentro dessa mesma perspectiva, para o ponto de vista de Mattos e Silva (2002: 456), para quem a população de origem africana foi “o principal elemento difusor do português no Brasil”; ao abdicar de suas línguas, essa população “adquiriu a língua de dominação, reformatando-a profundamente”. Ainda de acordo com Mattos e Silva, “a reconstrução do passado do português brasileiro não pode deixar de estar atrelada ao conhecimento detalhado dos variados aspectos da história social no espaço brasileiro e dos avanços da atualidade das teorias de contato linguístico”.

Alguns trabalhos sugerem que a hipótese do contato e a hipótese da deriva não são excludentes, mas podem ser exploradas em conjunto na tentativa de explicar a formação do português brasileiro. Entre as propostas representativas dessa via, podemos destacar as de Pagotto (2007) e Galves (2011; 2012). Para Pagotto, em particular, a questão da criouliização deve continuar em nosso horizonte de estudos; porém, apesar de ser possível detectar traços de línguas crioulas em comunidades isoladas, não se deve considerar que o português brasileiro, como um todo, resulte de um processo de criouliização. Revisando criticamente trabalhos como os de Tarallo (1996), o autor destaca que “mais importante é explicar de que maneira as propriedades gramaticais encontradas no português do Brasil podem estar historicamente ligadas a uma origem crioula e analisar por que frestas no sistema tais propriedades penetraram”. E conclui, afirmando que “isto faz do português do Brasil um caso raro e bastante especial para os estudos linguísticos: somos um pouco de tudo, frutos de um processo histórico que ainda está por explicar” (p. 479).

Tendo em vista o objetivo mais imediato do presente trabalho, que é o de abordar paralelismos entre o português brasileiro e línguas Bantu no que se refere a fatos específicos do que denominamos *concordância locativa*, iremos nos concentrar mais detidamente na **hipótese do contato**, sem que isso signifique rejeição à ideia de que a chamada *deriva natural* da língua tenha, em maior ou menor grau, atuado na fixação das marcas mais gerais do português brasileiro. Nesse sentido, vale salientar que, mesmo entre os que defendem mais de perto a hipótese da deriva, é comum o reconhecimento de que o contato interlinguístico interferiu, ainda que de modo periférico, na consolidação dessas marcas. Silva Neto (1977),

por exemplo, apesar de refratário à ideia de as línguas africanas (assim como as línguas indígenas) terem influenciado o português brasileiro de forma significativa, afirma que existem “cicatrices da tosca aprendizagem que da língua portuguesa, por causa de sua mísera condição social, fizeram os negros e os índios” (p. 97). Mesmo Naro & Scherre (2007) reconhecem que “o que aqui aconteceu foi uma ação conjunta das forças genéticas com as de contato”, estas últimas sendo responsáveis por uma “catálise” que teria induzido a “variação herdada através da via genética” (p. 182).

Os fatos que vêm sendo observados (alguns ainda de forma assistemática) em variedades africanas do português são um forte argumento em favor da hipótese do contato. Como destaca Petter (2009) na caracterização do que chama de *continuum afro-brasileiro*,

São tantas as semelhanças compartilhadas pelas três variedades de português [brasileira, angolana e moçambicana] nos três níveis de organização linguística selecionados (fonológico, lexical e morfossintático) que fica difícil defender que tais fatos sejam casuais, resultantes de uma deriva natural do português ou decorrentes da manutenção de formas antigas do PE. Por que as mesmas áreas da gramática do português foram “perturbadas”? A hipótese de que essas mudanças tenham sido introduzidas por falantes de línguas africanas, tanto na África quanto no Brasil, impõe-se de forma contundente, mesmo que se considere que no Brasil falantes de línguas indígenas e de outras línguas europeias tenham participado da constituição do PB. É provável que o contato com as LB (línguas do grupo banto) não seja a única explicação para as mudanças observadas no PB, mas esse contato é com certeza bastante relevante. (pp. 171-172)

A redução do paradigma flexional pode ser incluída entre os fatos caracterizadores de um *continuum afro-brasileiro*. Trabalhos como os de Lipski (2008) destacam exemplos como os apresentados em (1) para mostrar a redução do paradigma flexional no português angolano, com a forma verbal de terceira pessoa do singular se generalizando para todas as demais. Dados como (1a), (1b) e (1c) são amplamente detectados em variedades populares do português brasileiro, nas mais diferentes regiões do país. Ao contrário do que se observa no Brasil e em Angola, dados desse mesmo tipo não são significativamente frequentes no português europeu, pelo menos não a ponto de nos levar a assumir que a gramática nuclear

comum aos falantes de alguma variedade do português europeu abarque, em sua constituição, a simplificação do paradigma flexional.

- (1) PORTUGUÊS ANGOLANO (Lipski 2008: 88)
  - a. “Os home já *amarrou*”
  - b. “Hoje os tempo *tá* mudado”
  - c. “As tropa *vai* no mato e negro fica sozinho”
  - d. “[eu] *sabe* não”
  - e. “sim, eu *namorô*, mas já *dexô* muito tempo”

Para além de trabalhos como os de Petter (2009) e Lipski (2008), estudos como os desenvolvidos por Negrão & Viotti (2008), Avelar (2009), Avelar & Cyrino (2008) e Avelar, Cyrino & Galves (2009) analisam padrões oracionais do português brasileiro, até agora não detectados no português europeu, que apresentam paralelos estruturais com padrões oracionais largamente identificados entre línguas do grupo Bantu. Avelar, Cyrino & Galves, em particular, chamam a atenção para construções de inversão locativa do português brasileiro que guardam similaridades com estruturas do português moçambicano; segundo Gonçalves & Chimbutane (2004), tais estruturas resultam, nas variedades do português que vêm emergindo em Moçambique, de uma influência das línguas bantas adquiridas como L1 naquele país. Na mesma linha, trabalhos como os de Baxter (1998, 2004) e Inverno (2004) relacionam a concordância variável de número nos sintagmas nominais de variedades brasileiras e africanas do português à configuração dos morfemas em sintagmas desse mesmo tipo em línguas como o umbundo. Apesar de não haver evidências inequívocas de que os padrões morfossintáticos comuns a variedades brasileiras e africanas do português resultem da transferência de estruturas comuns às línguas bantas, tais padrões corroboram, na linha sugerida em Petter (2009), a ideia de haver um *continuum* afro-brasileiro do português que precisa ser levado em conta na tentativa de explicar as propriedades singularizadoras do português brasileiro frente ao português europeu.

## **2. Concordância locativa**

A partir do trabalho de Pontes (1987) a respeito das estratégias de topicalização no português brasileiro, vários estudos têm investido na ideia de que, ao contrário do observado em outras

línguas românicas (e do padrão mais geral identificado entre as línguas indo-europeias), o português brasileiro se caracteriza como uma língua de “proeminência de tópico” ou “orientada ao discurso” (Galves 1998; Negrão 1999; Kato & Duarte 2003; Duarte & Kato 2008; Avelar & Galves 2011). Esse estatuto diferenciado do português brasileiro seria, em grande medida, determinado pelo modo como a sua sintaxe interage ou lida com informações de ordem discursiva (tópico sentencial, tópico discursivo, foco, contraste *etc.*), apresentando propriedades que se assemelham, em muitos aspectos, àquelas identificadas em línguas como o chinês e o japonês, cuja gramática é caracterizada como prototipicamente “orientada ao discurso”.

Um dos reflexos da condição de “proeminência de tópico” sobre a sintaxe do português brasileiro parece estar no que chamamos aqui de **concordância locativa**: ao contrário da tendência observada entre as línguas indo-europeias, termos com interpretação locativa (quase sempre interpretados como tópicos sentenciais) que não equivalem a um sujeito lógico (ou semântico) do verbo podem concordar com a flexão verbal, como nos exemplos de (2) a (14). Todos os casos apresentados em (a) mostram construções em que um termo tradicionalmente analisado como adjunto adverbial ou complemento locativo ocorre em posição pré-verbal e concorda com o verbo. A correspondência do termo pré-verbal com a função de adjunto adverbial é facilmente observada nas paráfrases em (b), nas quais o termo locativo passa a ser obrigatoriamente antecedido da preposição *em*.

- (2) a. *As ruas do centro* não tão passando ônibus.  
b. Não tá passando ônibus *nas ruas do centro*.
- (3) a. *Aqueles quartos* só cabem uma pessoa.  
b. Só cabe uma pessoa *naqueles quartos*.
- (4) a. “*algumas concessionárias* tão caindo o preço [do carro]”  
b. O preço do carro tá caindo *em algumas concessionárias*.  
<http://forum.carrosderua.com.br/index.php?showtopic=122656>
- (5) a. “*Minhas amígdalas* tavam saindo sangue”  
b. Estava saindo sangue *das minhas amígdalas*.  
[http://www.fotolog.com.br/jees\\_siica/39442608f](http://www.fotolog.com.br/jees_siica/39442608f)

- (6) a. “apenas *3 desses cinco monitores* aparecem imagem, enquanto *os outros dois* ficam aparecendo a mensagem”  
 b. Apenas aparece imagem *em 3 desses cinco monitores*, enquanto a mensagem fica aparecendo *nos outros dois*.  
<http://linuxeducacional.com/mod/forum/discuss.php?d=1587>
- (7) a. “No interior de SP e do Rio, *algumas cidades* nevam”  
 b. No interior de SP e do Rio, neva *em algumas cidades*.  
[http://www.youtube.com/all\\_comments?v=IIOPh-mITyc](http://www.youtube.com/all_comments?v=IIOPh-mITyc)
- (8) a. “...em geral *os capacetes mais baratos* são barulhentos e **entram** vento”  
 b. Entra vento *nos capacetes mais baratos*.  
<http://www.forumnow.com.br/vip/mensagens.asp?forum=94106&grupo=178842&topico=2925900&pag=2&v=1>
- (9) a. “Deve estar cansado de ir em *eventos que entram* qualquer um”  
 b. ...*eventos em que* qualquer um entra.  
<http://amxeventos.wordpress.com/2011/03/>
- (10) a. “*Meus seios* estão saindo água, com veias roxas e grossas saltitantes”  
 b. Está saindo água *dos meus seios*.  
<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20100719154841AAOC7HX>
- (11) a. “*os casos que* aconteceram alguma coisa são raríssimos”  
 b. *Os casos em que* alguma coisa aconteceu são raríssimos.  
<http://www.gamescentral.com.br/forum/archive/index.php/t-24524.html>
- (12) a. “Quais são *as cidades que* mais **chovem** no mundo?”  
 b. Quais são as cidades em que mais chove no mundo?  
<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20081116163106AAr5mM3>
- (13) a. “*o apartamento da minha filha* apareceu um vazamento bem feio”  
 b. Apareceu um vazamento bem feio *no apartamento da minha filha*.  
<http://www.flickr.com/groups/930181@N25/discuss/72157625825406066/page10>
- (14) a. “*algumas folhas [da orquídea]* apareceram uma mancha amarelada e pouco rugada”  
 b. Uma mancha amarelada e pouco rugada apareceu *em algumas folhas da orquídea*.  
<http://www.orquidea.bio.br/conteudo.asp?c=15>

Bastante comuns na fala de brasileiros, as construções em (a) de (2)-(14) causam estranhamento quando apresentadas a portugueses ou a falantes de outras línguas românicas. Não é simples explicar a emergência dessas construções no português brasileiro por meio da hipótese da deriva, uma vez que não foram, pelo menos até aqui, detectadas no português europeu e nas demais línguas românicas. Curiosamente, construções que exibem

concordância locativa são generalizadas em línguas do grupo Bantu, que também exibem propriedades relacionadas ao estatuto de “orientação ao discurso” (Morimoto 2006). Essas construções, exemplificadas de (15) a (21) com dados de diferentes línguas bantas, têm sido agrupadas entre o que se pode considerar um tipo específico de inversão locativa (Salzmann 2004), no qual um constituinte interpretado como lugar ou direção estabelece, em lugar do sujeito lógico, concordância com o verbo<sup>1</sup>. De acordo com Baker (2008), padrões oracionais dessa natureza não são usuais nas línguas indo-europeias, mas bastante comuns nas línguas nigero-congolesas, entre as quais se incluem as do grupo Bantu.

(15) OTJIHERERO (Marten 2006: p. 98)

*mò-ngàndá mw-á-hití òvá-ndú*  
**18-9.house C18-PAST-enter 2-people**  
 ‘Into the house/home entered (the) guests’

(16) SETSWANA (Demuth & Mmusi 1997: p. 8)

*Kó-Maúng gó-tlá-ya roná maríga*  
**17-Maung 17SM-FUT-go 1pDM winter**  
 ‘To Maung we shall go in winter.’

(17) KINANDE (Baker 2003: exemplo 25)

*Omo-mulongo mw-a-hik-a (?o-)mu-kali*  
**LOC.18-village 18S-T-arrive-FV (AUG)-CL1-woman.1**  
 ‘At the village arrived a woman’

(18) LUBUKUSU (Diercks 2011: p. 703)

*Mú-mú-siirú mw-á-kwá-mó kú-mú-saala*  
**18-3-forest 18s-PST-fall-18L 3-3-tree**  
 ‘In the forest fell a tree’

<sup>1</sup> Na exemplificação de construções das línguas bantas, optamos por manter as glosas e traduções em inglês, tal como apresentadas nos textos de onde foram extraídas. As abreviações empregadas, que também foram preservadas de acordo com os textos originais, são as seguintes: 1p = 1st person; AGR = subject verb agreement; APPL = applicative; AUG = augmentative vowel; CA = complementizer-related agreement; CL = noun class prefix; DM = demonstrative; FUT, fut = future; FV = final vowel; HAB = habitual; IPFV = imperfective; L = locative clitic; LOC, loc = locative affix/adposition; NEG = negation; OM = object marker; PASS, psv = passive; PAST, PST = past tense; PERF, PRF = perfect; PR, PRS = present tense; S, s, SA, SBJ = subject agreement; SC = subject concord; SM = subject marker; T = tense prefix. As abreviações para subject verb agreement (AGR), subject agreement (S, s, SA e SBJ), subject concord (SC) e subject marker (SM) fazem referência ao mesmo tipo de morfema, indicando a concordância da flexão do verbo com um constituinte em posição pré-verbal (analisada, em muitos trabalhos, como sendo a posição de sujeito, embora nem sempre seja ocupada por um termo que corresponde ao sujeito lógico/semântico da oração). Os números empregados nas glosas representam os classificadores nominais indicativos de gênero e/ou número largamente mencionados na literatura sobre as línguas Bantu. Esses números são adicionados a substantivos (9.house, 2.child, 8.book), a marcas de concordância com o sujeito na flexão verbal (18S, 17SM, 7.SBJ), entre outras categorias.

- (19) ZULU (Buell 2004: p. 3)  
*I-sikole*            *si-fund-el-a*                            *a-bantwana*  
 7-7.school        7.SBJ-study-APPL-FV            2-2.child  
 (Lit. ‘The school studies at the children’)
- (20) CHISHONA (Demuth & Harford 1999: p. 10)  
*Mumba*            *m-atand-wa*    *vanhu*  
 18-house        18AGR-chase out-PASS            2people  
 ‘People were chase out of the house’
- (21) QUIMBUNDO (<http://www.linguakimbundu.com/index3.html>)  
 a. *Mu njibela muala ni kitadi?*                            (*No bolso tem dinheiro?*)  
 b. *Bu kibuna kiami buala o kamba rienu?*            (*No meu banco está o vosso amigo?*)  
 c. *Ku ‘nzo ié kuala ni ndenge?*                            (*Na tua casa tem criança?*)

No que concerne ao quimbundo, que, ao lado do quicongo e o umbundo, é apontado como língua materna da maioria dos africanos de origem banta trazidos para o Brasil, a *Grammatica Elementar do Kimbundo ou Língua de Angola* (Heli Chatelain, 1888/89) faz menção ao fato de a sua sintaxe permitir a concordância locativa, salientando que “quando, por inversão, o locativo acontece preceder o verbo, este concorda com elle, tomando-o como prefixo. Na inversão, **o sujeito logico perde toda influencia sobre o verbo**, de modo que não importa a qual cl. sing. ou pl. o sujeito pertença, comtanto que seja de 3<sup>a</sup> pessoa” (p. 89).

Considerando a similaridade entre o português brasileiro e as línguas bantas no que tange à concordância locativa, podemos indagar sobre a possibilidade de estarmos diante de um reflexo do contato do português com línguas nigero-congolesas, por conta da entrada maciça de africanos (em sua maioria, falantes nativos de línguas bantas) em território brasileiro no decurso de quase quatro séculos. No linha dos estudos apresentados em Lucchesi, Baxter & Ribeiro (2009), uma hipótese a ser aventada é a de que o processo de transmissão linguística irregular desencadeado pela aquisição do português como L2 por milhares de africanos, que produziram grande parte do *input* daqueles que passavam a adquirir o português como L1, tenha levado à transferência de padrões oracionais comuns às línguas africanas (no caso, o padrão de inversão locativa) para variedades emergentes do português brasileiro. A ampla ocorrência dessas construções em dados de escrita extraídos de *blogs* publicados no Brasil em pleno século XXI seria, nesse sentido, resultado de um processo que teria se iniciado séculos antes, com a aquisição do português como L2 por falantes de línguas africanas, produzindo construções que se difundiram por diferentes variedades do português brasileiro, em um



*modus operandi* que ainda precisa ser melhor compreendido em termos temporais, geográficos, sócio-demográficos e até culturais.

A validação dessa hipótese requer, contudo, observar se o mesmo tipo de inversão locativa é observado em variedades africanas do português, em particular nas variedades emergentes em Angola e Moçambique, países cuja população é composta, em sua larga maioria, por falantes nativos de línguas Bantu. Até aqui, não temos notícias de estudos voltados à caracterização sistemática de inversão locativa no português angolano e moçambicano, mas um pequeno conjunto de dados apresentados em Gonçalves & Chimbutane (2004) sugere que o português falado como L2 por moçambicanos dá lugar a construções em que sintagmas nominais preposicionados introduzidos por *em*, com interpretação necessariamente locativa, ocorrem na posição gramatical do sujeito, como em *Na nossa zona era fértil* (com o mesmo sentido de *A nossa zona era fértil*) e *Na igreja é pequeno* (como o mesmo sentido de *A igreja é pequena*). De acordo com os autores, construções desse tipo são transferências de padrões oracionais bastante comuns nas línguas faladas como L1 por moçambicanos, em que sintagmas com interpretação locativa podem ocorrer em posição de sujeito e estabelecer concordância com a flexão verbal.

No português brasileiro, casos similares aos das sentenças exemplificadas por Gonçalves & Chimbutane também são atestados. Dados como os apresentados de (22) a (31), também extraídos de *blogs* brasileiros, foram apresentados em Avelar & Cyrino (2009) para sustentar a hipótese de que o português brasileiro admite a ocorrência de sintagmas preposicionados em posição de sujeito. Os dados em (b) mostram que a preposição pode ser eliminada, sem resultar em qualquer alteração aparente no sentido da sentença ou no papel temático atribuído ao constituinte em posição pré-verbal.

- (22) a. “**na minha escola** aceita cartão de crédito”  
b. a minha escola aceita cartão de crédito  
[twitter.com/giovannaflores/status/18219596304](https://twitter.com/giovannaflores/status/18219596304)
- (23) a. “**no meu computador** imprime a etiqueta corretamente”  
b. o meu computador imprime a etiqueta corretamente  
<http://www.suportegas.com.br/portal/topic.asp?>
- (24) a. “**na placa** avisava que qualquer um que mexesse nos restos do dragão seria preso”  
b. a placa avisava que qualquer um que mexesse nos restos do dragão seria preso  
<http://www.nwnbrasil.com/forum/index.php?s>
- (25) a. “**nessa rádio** toca as melhores músicas gospel da net”  
b. essa rádio toca as melhores músicas gospel da net  
<http://www.hdfree.com.br/sites.php?id=10&page=24>

- (26) a. “**no curso** ensina a fazer impressão de cartão de visita”  
 b. **o curso** ensina a fazer impressão de cartão de visita  
[produto.mercadolivre.com.br/MLB-127398826-curso-de-serigrafia-silk-screen-em-2-dvds-\\_JM](http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-127398826-curso-de-serigrafia-silk-screen-em-2-dvds-_JM)
- (27) a. “**na propaganda** falava que diminuía até 3 números do manequim”  
 b. **a propaganda** falava que diminuía até 3 números do manequim  
[www.reclameaqui.com.br/.../propaganda-enganosa-da-bermuda-shapewear-slim/](http://www.reclameaqui.com.br/.../propaganda-enganosa-da-bermuda-shapewear-slim/)
- (28) a. “**na loja** vende o produto separadamente do Tampo”  
 b. **a loja** vende o produto separadamente do Tampo  
[www.reclameaqui.com.br/.../troca-negada-dentro-do-prazo-de-sete-dias-e-nao-atendimento/](http://www.reclameaqui.com.br/.../troca-negada-dentro-do-prazo-de-sete-dias-e-nao-atendimento/)
- (29) a. “**na bula** recomenda usar [o remédio] imediatamente após abrir”  
 b. **a bula** recomenda usar o remédio imediatamente após abrir  
[http://www.npng.com.br/forum/topic.asp?TOPIC\\_ID=72805](http://www.npng.com.br/forum/topic.asp?TOPIC_ID=72805)
- (30) a. “**no jornal** dizia que quem vinha acompanhando era a Aracy de Almeida”  
 b. **o jornal** dizia que quem vinha acompanhando era a Aracy de Almeida  
[http://www.eunanet.net/beth/celebridades\\_seu\\_nene2.php](http://www.eunanet.net/beth/celebridades_seu_nene2.php)
- (31) a. “**no meu carro** faz esse barulho de tuchos hidráulicos”  
 b. **o meu carro** faz esse barulho de tuchos hidráulicos  
[www.vetraclube.com.br/forum/viewtopic.php?](http://www.vetraclube.com.br/forum/viewtopic.php?)

Alguns trabalhos relatam padrões de variação bastante parecidos entre línguas do grupo Bantu, com um morfema adpositivo, que equivale à nossa preposição *em*, sendo facultativos em sintagmas locativos pré-verbais. Esse é o caso, por exemplo, do Zulu, com as construções exemplificadas em (32): a diferença entre (32a) e (32b) é que, em (32a), o constituinte locativo em posição pré-verbal traz um morfema adpositivo equivalente à preposição portuguesa *em*, mas não em (32b). No caso de (32a), temos *E-sikole-ni*, que equivale, em português, a “na escola”, enquanto em (32b) nós temos *I-sikole*, que equivale a “a escola”.

- (32) ZULU (Buell 2003: pp. 109;113)
- a. [PP *E-sikole-ni* ] *ku-zo-fund-el-w-a* (nga-bantwana)  
 loc:7-7.school-loc 17.SBJ-fut-study-APPL-psv-fv by:2-child  
 ‘The school will be studied at (by the children)’
- b. [DP *I-sikole* ] *si-fund-el-a* *a-bantwana*  
 7-7.school 7.SBJ-study-APPL-FV 2-2.child  
 (Lit. ‘The school studies at the children’)

A ocorrência de preposição em sintagmas pré-verbais com interpretação locativa também é encontrada em línguas bantas como o Sesotho, Setswana e Kinyarwanda, em construções como as exemplificadas respectivamente em (33), (34) e (35), o que mostra se tratar de um padrão espreado, e não um caso restrito a uma ou outra língua desse grupo.

- (33) SESOTHO (Demuth 1990: p. 235)  
*Mo-tsé-ng hó-tl-il-é ba-eti.*  
 3-village-LOC 17-come-PRF 2-travelers  
 ‘To the village came the travelers.’
- (34) SETSWANA (Demuth & Mmusi 1996: exemplo 4c)  
*Mó-le-fátshé-ng gó-fúla di-kgomo*  
 18-5-country 17SM-graze 10-cattle  
 ‘In the country are grazing the cattle.’
- (35) KINYARWANDA (Polinsky 1992, 1993 apud Salzmänn 2004: p. 48)  
*mu gisagára ha-ra-rirúmbir-a aba-shyitsi*  
 in 7:village 16-PRS-sing-IPFV 2-guest  
 Lit.: ‘In the village are singing guests.’

Podemos afirmar, frente ao conjunto de dados apresentados, que o português brasileiro compartilha propriedades com línguas do grupo Bantu no que diz respeito aos padrões de inversão locativa: tanto no português brasileiro quanto em línguas desse grupo, constituintes locativos que não correspondem ao sujeito lógico ou semântico do verbo podem concordar com a flexão verbal, exibindo um padrão que não é usual entre as línguas indo-europeias.

### 3. Sobre a *concordância possessiva*

Outra propriedade do português brasileiro que tem sido associada ao estatuto de “proeminência de tópico” aparece nas construções de (36) a (47), que exibem o que vou chamar de *concordância possessiva*. Nessas construções, o sintagma que concorda com a flexão verbal equivale semanticamente a um termo adnominal preposicionado interpretado como possuidor, como podemos observar pelas paráfrases em (b). Padrão oracionais desse tipo, que não são usuais nas línguas indo-europeias, também ocorrem em línguas bantas, como nos exemplos de (48) a (50).

- (36) a. *As crianças* tão nascendo o dentinho.  
 b. O dentinho *das crianças* tá nascendo.
- (37) a. *O meu dedão* tá caindo a unha.  
 b. A unha *do meu dedão* tá caindo.
- (38) a. *Os carros* acabaram a gasolina no meio da viagem.  
 b. A gasolina *dos carros* acabou no meio da viagem.
- (39) a. *Os meninos* tão aparecendo muita espinha no rosto.  
 b. Tá aparecendo muita espinha no rosto *dos meninos*.

- (40) a. “conheço pessoas que fizeram isso e caíram *o cabelo*”  
 b. ...e o cabelo *delas* caiu.  
<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20081119080133AAFPQLS>
- (41) a. “Tem vários turbos 2.5 da Forester, pelo menos uns 15, que pifaram o motor”  
 b. ...o motor de vários turbos 2.5 da Forester pifou.  
[www.4x4brasil.com.br](http://www.4x4brasil.com.br) > ... > SUV's (Sport Utility Vehicles) - Em cache
- (42) a. “Sonhei que estava em minha casa e ela estava incendiando o telhado”  
 b. Sonhei que estava em minha casa e o telhado dela estava se incendiando.  
<http://sonhos.clickgratis.com.br/sonhos-c/casa-33.html>
- (43) a. “Não sou muito fã dessas camotas que ficam aparecendo a roda”  
 b. ...a roda dessas camotas fica aparecendo.  
[www.clubepeugeot.com](http://www.clubepeugeot.com) > ... > Área Técnica > Styling & Visual - Em cache
- (44) a. “as paredes tão caindo o reboco e o dinheiro mau da para pagar a conta”  
 b. O reboco das paredes tá caindo.  
<http://inforum.insite.com.br/68758/11157674.html>
- (45) a. “até hoje *eu* tou doendo o pescoço de dançar aquela dança miserável”  
 b. até hoje *meu* pescoço tá doendo...  
<http://www.flogao.com.br/osgoroboys/33044167>
- (46) a. “*eu* tô ardendo as pernas”  
 b. As *minhas* pernas estão ardendo.  
<http://www.fotolog.com.br/melguermandi/45496553>
- (47) a. “*eu* inflamei o músculo do dedo, na articulação”  
 b. O músculo do *meu* dedo inflamou.  
[http://www.fotolog.com.br/franciene\\_s2/45574000](http://www.fotolog.com.br/franciene_s2/45574000)
- (48) CHICHEWA (Simango 2007: exemplo 23)  
*Mavuto a-na-f-a*                      *maso*  
 Mavuto SM-PST-die-FV            eyes  
 ‘Mavuto became blind’            (Lit. ‘Mavuto died eyes’)
- (49) HAIA (Hyman 1977 *apud* Simango 2007: exemplo 24)  
*Omwaana*    *n-aa-shaash’*    *omutwe*  
 child                      PR-he-ache    head  
 ‘The child has a headache’ (Lit. ‘The child is aching the head’)
- (50) SWAHILI (Keach & Rochemont 1994: p. 83)  
*mtoto a-li-funik-wa*                      *miguu*  
 1child 1-PST-cover-PASS    4legs  
 ‘The child’ legs were covered’ (Lit. ‘The child was covered the legs’)

Os dois padrões de concordância (a locativa e a possessiva) mostram que a sintaxe do português brasileiro é, como a das línguas Bantu, bastante “liberal” no que diz respeito à natureza do termo que pode concordar com a flexão verbal. Essa liberdade é incomum em línguas indo-europeias (Baker 2008), entre as quais a flexão verbal é destinada à concordância com o sujeito lógico da oração ou com um sintagma argumental, e não com termos que não integrem a grade temática do verbo.

#### 4. Questões e hipóteses

Passamos agora a abordar o compartilhamento de propriedades gramaticais entre o português brasileiro e as línguas Bantu, considerando a seguinte questão: **em que medida a convergência de fatos gramaticais pode ser apontada como uma evidência de que o português brasileiro foi, em sua constituição, afetado pelo contato com línguas africanas, marcadamente do grupo Bantu?** Uma das razões para se debruçar criticamente sobre essa questão é óbvia: o compartilhamento de propriedades sintáticas não se dá apenas entre línguas geneticamente relacionadas ou que estabeleceram algum contato em sua história. Línguas diferentes podem apresentar paralelismos gramaticais dos mais diversos tipos sem que isso implique qualquer tipo de contato ou parentesco entre elas.

No caso dos paralelismos observados entre o português brasileiro e as línguas Bantu, é necessário indagar sobre o seguinte: **a concordância locativa poderia ter emergido em variedades do português falado no Brasil, independentemente do contato com línguas africanas?** Se respondermos positivamente a essa questão, outras duas hipóteses alternativas deverão entrar em jogo:

- (I) a concordância locativa resulta da deriva natural da língua, na esteira do defendido por Naro & Scherre (2007) em torno das origens do português brasileiro; ou
- (II) a concordância locativa emergiu do contato com línguas indígenas, a partir de propriedades gramaticais mostradas por essas línguas.

A primeira hipótese é de difícil sustentação, tendo em vista que qualquer mudança resultante de deriva natural se consolida a partir de propriedades que estão “latentes” na língua de origem. Tendo em vista os fatos que nos interessam mais de perto, isso significaria afirmar que a possibilidade de concordância locativa está “latente” no português europeu ou esteve presente em estágios anteriores dessa língua, o que não parece ser o caso. Se a situação

fosse essa, teríamos de concluir que, em condições normais, o português europeu e as demais línguas românicas estão destinadas a apresentar, em algum ponto da sua evolução, a mesma sintaxe de concordância do português brasileiro. Não são claros, além disso, os critérios para diagnosticar o que é ou não uma propriedade gramatical “latente” na constituição de uma família de línguas, a não ser esperar que essa propriedade emerja e se evidencie naturalmente na evolução de uma ou mais línguas dessa família. É difícil, portanto, sustentar a hipótese de que a concordância locativa do português brasileiro resulte do que tem sido chamado de *deriva natural*, seja de uma perspectiva empírica, seja de uma perspectiva teórico-conceitual.

Assim, se for o caso de descartamos a hipótese do contato com as línguas africanas, nos restaria apenas a hipótese do contato com as línguas indígenas. Verificar a plausibilidade dessa hipótese exige, pelo menos, duas etapas: (I) atestar se a concordância locativa é possível nas línguas indígenas que entraram em contato com o português e (II) no caso de essa possibilidade ser confirmada, submeter essa hipótese ao mesmo escrutínio a que estamos submetendo a hipótese do contato com as línguas africanas, fazendo a seguinte indagação: se não fosse pelo contato com as línguas indígenas, teria havido condições para que a propriedade gramatical relevante emergisse no português brasileiro?

Desconhecemos, até aqui, estudos que façam referência à concordância com termos locativos e possessivos em línguas indígenas brasileiras, em especial naquelas do tronco tupi-guarani, que são as que mais interessam ao debate sobre as origens do português brasileiro. Contudo, ainda que se venha a comprovar que essas concordâncias são possíveis em línguas desse tronco, as indagações devem considerar aspectos da história externa do português brasileiro, procurando responder se a convivência entre portugueses e indígenas teria dado condições a implementar e difundir as mudanças que teriam desencadeado a possibilidade de concordância locativa. Os dados percentuais referentes à população do Brasil por etnia entre 1583 e 1890, apresentados em Mussa (1991) e reproduzidos na tabela em (51), sugerem que a população indígena teria muito menos força de implementar e difundir inovações gramaticais desencadeadas por contato do que a população de africanos e afrodescendentes: como vemos na tabela, a população de índios integrados nunca passou de 10% da população a partir do século XVII, chegando a 4% no início do século XVIII. Já a população de africanos e afrodescendentes, depois do século XVII, nunca foi menor do que 50%, considerando os percentuais de africanos, negros brasileiros e mestiços em território brasileiro.

(51)

<b>ETNIA</b>	<b>1583-1600</b>	<b>1601-1700</b>	<b>1701-1800</b>	<b>1801-1850</b>	<b>1851-1890</b>
Africanos	20%	30%	20%	12%	2%
Negros brasileiros	-	20%	21%	19%	13%
Mestiços	-	10%	19%	34%	42%
Branco brasileiros	-	5%	10%	17%	24%
Europeus	30%	25%	22%	14%	17%
Índios integrados	50%	10%	8%	4%	2%

Fonte: Mussa 1991: p. 163

A esse respeito, cabe mencionar uma observação de Mattos e Silva (2002: p. 456) a respeito do que considera os “atores fundamentais” na formação histórica de variedades do português brasileiro popular. A autora propõe que as línguas gerais indígenas devem ser incluídas entre esses atores, ao lado do português dos africanos e seus descendentes, bem como do português europeu. Rosa Virgínia destaca, contudo, que “o principal elemento difusor do português no Brasil seria essa população de origem africana – segmento demográfico dominante no Brasil colonial –, que teve de abdicar de suas línguas, pelas razões históricas conhecidas, e que adquiriu a língua de dominação, reformatando-a profundamente” (p. 456). Mattos e Silva reforça sua observação fazendo referência aos números apresentados por Mussa, para quem “é impossível se desconsiderar, como se vem fazendo, a participação das populações africanas no conjunto da história linguística brasileira. Do ponto de vista de uma dinâmica histórica, o português dos africanos e o português europeu detêm o mesmo valor, não podendo ser tomados isoladamente como ponto de partida exclusivo”.

Portanto, das três hipóteses aqui colocadas em jogo para explicar a possibilidade de concordância locativa no português brasileiro – a hipótese do contato com línguas africanas, a hipótese do contato com línguas indígenas e a hipótese da deriva natural, a que parece apresentar mais fôlego é a do contato com línguas africanas. Esse fôlego se sustenta tanto de uma perspectiva intralinguística quanto extralinguística, quando passamos a pensar o papel dos africanos e seus descendentes diretos nas dinâmicas populacionais necessárias à difusão, para diferentes partes do território brasileiro, de inovações gramaticais desencadeadas pelo contato entre línguas.

Outra questão que é preciso levar em conta é a de como as mudanças relevantes teriam sido implementadas na formação do português brasileiro. Se pensarmos que as variedades do português brasileiro popular foram afetadas por um processo de transmissão linguística em que dados do português adquirido como segunda língua por africanos compuseram, em média ou larga escala, o *input* do português que ia sendo adquirido como língua materna por sucessivas gerações de nascidos no Brasil, não causa surpresa que padrões sintáticos das

línguas nativas dos africanos tenham penetrado em variedades do português brasileiro em formação. Dada a imensa quantidade de africanos que precisavam aprender o português em condições adversas, aliada à aquisição natural da língua por seus descendentes diretos, o que causaria surpresa seria a situação em que a sintaxe da língua (e suas variedades) em formação preservasse integralmente as características do português europeu ou não herdasse qualquer propriedade gramatical relevante comum às línguas africanas que aqui entraram. A possibilidade de concordância locativa pode, dentro dessa linha de raciocínio, ser analisada como o resultado da transferência de matrizes oracionais das línguas nativas dos africanos para a língua (e suas variedades) que ia(m) sendo adquirida(s) pelos nascidos no Brasil.

Se esta hipótese estiver correta, o modo como teria se processado essa transferência e a sua difusão geográfica e temporal é um campo que deve ser investigado. Propostas que radicam a formação do português brasileiro popular em uma base crioula, semi-crioula ou descrioulizada perderam ou vem perdendo força, dando lugar a modelos que advogam, por exemplo, em favor do que tem sido analisado como um tipo específico de **transmissão linguística irregular**. Lucchesi & Baxter (2009:101) tomam esse termo para “designar amplamente os processos históricos de contato maciço entre povos falantes de línguas tipologicamente diferenciadas [...]. [...] a língua do grupo dominante, denominada língua de superstrato ou língua-alvo, se impõe, de modo que os falantes das outras línguas, em sua maioria adultos, são forçados a adquiri-la em condições bastante adversas de aprendizado”.

Ainda segundo os autores, “as variedades de segunda língua que se formam nessas condições [...] acabam por fornecer os modelos para a aquisição da língua materna para as novas gerações de falantes, na medida em que os grupos dominados vão abandonando as suas línguas nativas”. No caso do Brasil, Lucchesi & Baxter salientam que “a integração social dos escravos e ex-escravos e, sobretudo, a miscigenação são fatores que atuam em dois sentidos: favorecem a assimilação dos padrões linguísticos dominantes por parte dos dominados, ao mesmo tempo em que abrem vias de introdução, na fala das camadas médias e altas, de estruturas criadas por mudanças nos extratos mais baixos”.

Feitas essas considerações, outras perguntas precisam entrar em campo na tentativa de validar a ideia de que as línguas bantas estão na base da concordância locativa atestada no português brasileiro. Por exemplo, precisamos saber se esse padrão de concordância é generalizado em variedades do português brasileiro ou se, ao contrário, é produtivo em algumas variedades, mas não em outras. Não temos, até aqui, notícias de estudos que mostrem a distribuição da concordância locativa nos eixos diatópico e diafásico. Se, no futuro, estudos vierem a confirmar que não estamos diante de uma propriedade generalizada



entre as variedades do português brasileiro, devemos verificar se é possível estabelecer alguma correlação entre esse fato e a história demográfica de diferentes localidades, observando se a produtividade da concordância locativa está ou não condicionada à maior ou menor presença africana na composição histórico-demográfica de uma determinada região. Do contrário, se as pesquisas mostrarem que as construções de concordância locativa são um fato generalizado, o esforço deverá ser o de explicar como essas construções se difundiram para localidades em que a presença africana não foi demograficamente significativa.

Outra questão relevante é a seguinte: se os padrões sintáticos que caracterizam a concordância locativa e a concordância possessiva de fato resultarem do contato com línguas bantas, por que apenas esses dois tipos “especiais” de concordância teriam vingado no português brasileiro, frente a outros padrões frásicos que são generalizados nessas línguas? Os padrões de concordância locativa e possessiva mostram que, como as línguas do grupo Bantu, o português brasileiro é bastante “liberal” quanto ao tipo de elemento que pode desencadear a concordância verbal; de um modo geral, contudo, as línguas bantas são muito mais “liberais” que o português brasileiro.

A título de exemplo, consideremos as construções em (52), (53) e (54), respectivamente do Kirundi, do Kilega e do Dzamba. Nessas construções, o termo que funciona como complemento verbal é realizado na posição de sujeito e concorda com a flexão verbal, enquanto o sujeito é realizado em posição pós-verbal, sem desencadear concordância com o verbo. Na construção do Kirundi, por exemplo, vemos o objeto *ibitabo* ‘livros’ ocorrendo em posição pré-verbal e concordando com o verbo, enquanto o sujeito *Johani* é realizado em posição pós-verbal. O resultado é uma construção que, em português, seria literalmente traduzida como *Os livros leram o João*, com o mesmo significado de *Os livros, o João leu*.

(52) KIRUNDI (Carstens 2011: p. 723)

*Ibitabo*            *bi-á-ra-somye*            *Johani*  
**8**book            **8SA-PST-read.PERF** John  
 ‘John (not Peter) has read (the) books’

(53) KILEGA (Kinyalolo 1991 *apud* Carstens 2011: p. 724)

*Maku ta-má-ku-sol-ág-á*            *mutu*            *wéneéné*  
**6**beer NEG-**6SA-PROG-drink-HAB-FV**    1person            1alone  
 ‘No one usually drink beer alone’

(54) DZAMBA (Bokamba 1981 *apud* Henderson (in press-A): p. 2)

*Imukanda*            *mu-tom-aki*            *omwana*  
**5**letter            **5CA-send-PERF**            1child  
 ‘The letter, the child send it’

No português brasileiro, determinados verbos transitivos admitem que seu objeto seja deslocado para a posição de sujeito, sem a necessidade de o verbo assumir a morfologia característica da voz passiva (Galves 1998; Cyrino 2007; Negrão & Viotti 2008). Esse é o caso, por exemplo, das construções em (55)-(63), em que o complemento verbal se “converte” em sujeito, com o verbo da oração se mantendo na forma ativa.

- (55) a. “Quando minha casa reformou, eu tinha vontade de sumir”  
b. Quando minha casa foi reformada, eu tinha vontade de sumir.  
<http://www.fotolog.com.br/loveninadobrev/84367200>
- (56) a. “Sonho que a minha casa tá construindo, e não é a primeira vez que sonho com isso não”  
b. Sonho que a minha casa está sendo construída...  
[sonhos.clickgratis.com.br](http://sonhos.clickgratis.com.br) › Sonhos de A a Z › Letra C - Em cache
- (57) a. “Pronto, a roupa lavou e já coloquei na secadora.”  
b. A roupa foi lavada e já coloquei na secadora.  
<http://twitter.com/#!/luhveras/status/46048556389384192>
- (58) a. “no dia certo a loja inaugurou e foi tudo bem”  
b. No dia certo, a loja foi inaugurada e foi tudo bem.  
<http://www.reclameaqui.com.br/999123/lojas-besni/falta-de-respeito-e-consideracao-com-trabalhador-temporario/>
- (59) a. “o programa instalou legal, com atalhos, mas... o programa não abriu”  
b. O programa foi instalado legal.  
<http://www.activedelphi.com.br/forum/viewtopic.php?t=44438&sid=ecedbc2578bd9ef6811d689097eee9d7>
- (60) a. “Um diretor de arte de Seattle envia um arquivo para imprimir em uma loja e eles ligam dizendo que o trabalho não imprime”.  
b. ...o trabalho não pode ser impresso.  
<http://abduzeedo.com.br/livros-de-cabeceira-para-designers-3>
- (61) a. “O dinheiro liberou através do prazo de quatorze dias.”  
b. O dinheiro foi liberado através do prazo de quatorze dias.  
<http://www.mercadolivre.com.br/jm/profile?id=98088497&oper=S>
- (62) a. “recebo meu salário no cash, mas cartão de crédito só paga no banco”  
b. ...cartão de crédito só é pago no banco.  
<http://forum.hardmob.com.br/threads/428619-UtilidadeP%C3%BAblicaREAL-Banc%C3%A1rios-amea%C3%A7am-entrar-em-greve-na-quarta-29-9/page7>
- (63) a. “Enquanto meu carro consertava em uma oficina eu lia a revista Veja [...]. Quando meu carro consertou saí correndo de banca em banca atrás desta revista”  
b. Enquanto meu carro era consertado... Quando meu carro foi consertado...  
<http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,EDI0-15565-2-10399,00.html>

Essas construções lembram as estruturas das línguas bantas apresentadas de (52) a (54). No entanto, em contraste com o observado entre essas línguas, o português brasileiro não admite construções desse tipo quando o sujeito semântico é realizado, o que geraria construções do tipo *Minhas casas tão construindo o arquiteto*, com o sentido de *Minhas casas, o arquiteto tá construindo*. Isso revela que o paralelismo com as línguas Bantu, no que tange às condições para inserir um elemento atípico em posição de sujeito, é parcial. Se a hipótese aqui delineada em torno da possibilidade de concordância locativa e possessiva no português brasileiro estiver correta, é desejável que essa mesma hipótese seja formalizada de modo a explicitar por que as dinâmicas de contato interlinguístico não conduziram à transferência de outras estruturas típicas das línguas bantas.

### **Conclusões**

Se a hipótese do contato estiver no caminho correto, a fixação da possibilidade de concordância locativa no português brasileiro pode ser devida a transferências de padrões sintáticos característicos das línguas Bantu, por meio do que trabalhos como os de Lucchesi, Baxter & Ribeiro (2009) vêm caracterizando como um tipo específico de *transmissão linguística irregular*. Dessa perspectiva, o processo que teria resultado na concordância com termos locativos pode ter sido desencadeado pela presença de matrizes oracionais comuns às línguas bantas no português adquirido como L2 por falantes nativos dessas línguas, que compunha o *input* para sucessivas gerações de indivíduos que adquiriram o português como L1 em diferentes pontos do território brasileiro. Contudo, para ser considerado uma evidência favorável à hipótese do contato, o compartilhamento de propriedades sintáticas deve ser tratado à luz de questões voltadas a elementos da história social da língua, bem como abordado à luz de modelos teóricos que permitam fazer previsões em torno de mudanças gramaticais desencadeadas por contato interlinguístico.

### **Referências**

- Avelar, J. 2009. Inversão locativa e sintaxe de concordância no português brasileiro. *Matraga* 16, pp. 232-252.
- Avelar, J. 2011. *Convergências e contrastes entre o português brasileiro e as línguas Bantu*. Comunicação apresentada durante o I Simpósio “Dinâmicas Afro-Latinas: Língua(s) e História(s)”, realizado nos dias 27 e 28 de abril de 2011 no IEL/Unicamp.
- Avelar, J. & Cyrino, S. 2008. Locativos preposicionados em posição de sujeito: uma posição contribuição das línguas Bantu à sintaxe do português brasileiro. *Linguística* 3 – Revista de Estudos Linguístico da Universidade do Porto, pp. 218-249.

- Avelar, J., Cyrino, S. & Galves, C. 2009. Locative inversion and agreement patterns. In: M. Petter & R. B. Mendes (orgs.). *Exploring the African language connection in the Americas* – Proceedings of the Special Wocal (São Paulo, 2008). São Paulo, Humanitas: pp. 207-221.
- Avelar, J. & Galves, C. 2011 Tópico e concordância em português brasileiro e português europeu. In: A. Costa; I. Falé & P. Barbosa (orgs.) *Textos Seleccionados do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, pp. 49-65.
- Baker, M. C. 2003. Agreement, dislocation, and partial configurationality. In: Andrew Carnie, Heidi Harley & MaryAnn Willie (orgs.). *Formal approaches to function in grammar* - In honor of Eloise Jelinek. Amsterdam: John Benjamins, pp. 107-132.
- Baxter, A. 1998. Morfossintaxe. In: M. Perl & A. Schwegler (orgs.). *América negra: panorâmica actual de los estudios lingüísticos sobre variedades hispanas, portuguesas y criollas*. Frankfurt am Main: Vervuert, pp. 97-134.
- Baxter, A. 2004. The development of variable NP plural agreement in a restructured African variety of Portuguese. In: G. Escure & A. Schwegler (orgs.). *Creoles, contact, and language change*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 97-126.
- Baxter, A. & Lucchesi, D. 1997. A relevância dos processos de pidginização e criolização na formação da língua portuguesa no Brasil. *Estudos Lingüísticos e Literários* 19, pp. 65-84.
- Buell, L. 2003. Introducing arguments above the agent: the case of Zulu locative applicatives. *WCCFL 22 Proceedings*. Somerville, MA: Cascadilla Press, pp. 109-122.
- Buell, L. 2004. *Bantu locative applicative high and low*. Acessado em 01/10/2007 pelo seguinte endereço eletrônico: <http://www.FizzyLogic.com/users/bulbul/academic.html>
- Buell, L. C et al. 2011. What the Bantu languages can tell us about word order and movement. *Lingua* 121, pp. 689-701.
- Bresnan, J. & Kanerva, J. 1989. Locative inversion in chichewa. *Linguistic Inquiry* 20, pp. 1-50.
- Carnstens, V. 2001. Multiple agreement and Case deletion. *Syntax* 4:3, pp. 147-163.
- Carnstens, V. 2011. Hyperactivity and hyperagreement in Bantu. *Lingua* 121, pp. 721-741.
- Carnstens, V. & Diercks, M. (in press). Parametrizing case and activity: hyper-raising in Bantu. *Proceedings of the 40<sup>th</sup> Annual Meeting of the North Eastern Linguistics Society*. Acessado em 15/03/2011 pelo seguinte endereço eletrônico: [http://english.missouri.edu/people/carstens/carstens\\_appear\\_b.pdf](http://english.missouri.edu/people/carstens/carstens_appear_b.pdf)
- Demuth, K. & Harford, C. 1999. Verb raising and subject inversion in comparative Bantu. *Journal of African Languages and Linguistics* 20(1), pp. 41-61.
- Demuth, K. & Mmusi, S. 1997. Presentational focus and thematic structure in comparative Bantu. *Journal of African Languages and Linguistics* 18, pp. 1-19.
- Diercks, M. 2011. The morphosyntax of Lubukusu locative inversion and the parametrization of Agree. *Lingua* 121, pp. 702-720.
- Duarte, M. E. L. & Kato, M. 2008. *Mudança paramétrica e orientação para o discurso*. Comunicação apresentada no XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Braga, 2008).
- Galves, C. 1998. Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no Português Brasileiro. *Caderno de Estudos Lingüísticos* 34, pp. 7-21.
- Galves, C. 2011. *Evidências do contato com as línguas africanas na formação do português brasileiro: propostas para a constituição de um corpus*. Comunicação apresentada durante o I Simpósio “Dinâmicas Afro-Latinas: Língua(s) e História(s)”, realizado nos dias 27 e 28 de abril de 2011 no IEL/Unicamp.
- Galves, C. 2012. Concordância e origens do português brasileiro. In: A. Sedrins; A. Castilho; M. Sibaldo & R. Lima. *Por amor à Linguística: miscelânea de estudos linguísticos dedicados à Maria Denilda Moura*. Maceio: EDUFAL, pp. 123-149.

- Gonçalves, P. & Chimbutane, F. 2004. O papel das línguas Bantu na gênese do português de Moçambique: o comportamento sintático de constituintes locativos e direcionais. *Papia* 14, pp. 7-30.
- Guy, G. 1989. On the nature and origins of Popular Brazilian Portuguese. In: *Estudos sobre el Español de América y Lingüística Afroamericana*. Bogotá: Instituto Caro y Cuervom, pp. 227-245.
- Harford, C. 1990. Locative inversion in shona. In: J. Hutchison & V. Manfredi (orgs.). *Current Approaches to African Linguistics* 7.
- Henderson, B. 2007. Multiple agreement and inversion in Bantu. *Syntax* 9(3), pp. 275-289.
- Henderson, B. (in press). *Agreement, locality, and OVS in Bantu*. Acessado em 24/03/2011 pelo seguinte endereço eletrônico: [http://www.clas.ufl.edu/users/bhendrsn/index\\_files/Page434.htm](http://www.clas.ufl.edu/users/bhendrsn/index_files/Page434.htm)
- Holm, J. 1987. Creole influence on popular Brazilian Portuguese. In: G. Gilbert (org.). *Pidgin and creole languages: essays in memory of john E. Reinecke*. Honolulu: University of Hawaii Press, pp. 406-429.
- Holm, J. 1992. Popular Brazilian Portuguese: a semi-creole. In: E. D'Andrade & A. Kihm. (orgs.). *Actas do colóquio sobre crioulos de base lexical portuguesa*. Lisboa: Edições Colibri, pp. 37-66.
- Inverno, L. 2004. Português vernáculo do Brasil e português vernáculo de Angola: reestruturação parcial vs. mudança linguística. In: M. Fernández-Ferreiro, M. Fernández & N. Vázquez (orgs.). *Los criollos de base ibérica: ACBLPE 2003*. Madrid: Iberoamericana, pp. 200-213.
- Kato, M. & Duarte, M. E. 2003. *Semantic and phonological constraints on the distribution of null subjects in BP*. Comunicação apresentada no NWAWE 32, realizada em outubro de 2003 na Universidade da Pensilvânia.
- Keach, C. N. & Rochemont, M. 1994. On the syntax of possessor raising in Swahili. *Studies in African Linguistics*, 23(1). pp. 81-106.
- Lipski, J. 2008. Angola e Brasil: vínculos linguísticos afro-lusitanos. *Veredas* 9, pp. 83-98.
- Lucchesi, D. 2009a. História do contato entre línguas no Brasil. In: D. Lucchesi, A. Baxter & I. Ribeiro (orgs.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, pp. 41-74.
- Lucchesi, D. & Baxter, A. 2009. A transmissão linguística irregular. In: D. Lucchesi, A. Baxter & I. Ribeiro (orgs.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, pp. 101-124.
- Lucchesi, D., Baxter, A. & Ribeiro, I. (orgs.). 2009. *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA.
- Mattos e Silva, R. V. 2002. Para a história do português culto e popular brasileiro. In: T. Alkmim (org.). *Para a história do português brasileiro*, Vol. III. São Paulo: Humanitas, pp. 443-464.
- Marten, L. 2006. Locative inversion in Otjherero: more on morphosyntactic variation in Bantu. *ZAS Papers in Linguistics*, pp. 97-122.
- Morimoto, Y. 2006. Agreement properties and word order in comparative Bantu. *ZAS Papers in Linguistics* 43, pp. 161-187.
- Mussa, A. B. N. 1991. *O papel das línguas africanas na história do português do Brasil*. Mestrado em Linguística – FL/UFRJ.
- Naro, A. & Scherre, M. 2007. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Negrão, E. 1999. *Português brasileiro: uma língua voltada para o discurso*. Tese de Livre-Docência, Universidade de São Paulo.
- Negrão, E. & Viotti, E. 2008. Estratégias de impessoalização no português brasileiro. In: J. L. Fiorin & M. Petter (orgs.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 179-203.

- Pagotto, E. 2007. Crioulo sim, crioulo não: uma agenda de problemas. In: A. Castilho, M. A. Torres Morais, S. Cyrino & R. Lopes (orgs.). *Português Brasileiro: descrição, história e aquisição*. Campinas: Pontes, pp. 461-482.
- Petter, M. T. 2009. O *continuum* afro-brasileiro do português. In: C. Galves, H. Garmes & F. R. Ribeiro (orgs.). *África-Brasil – caminhos da língua portuguesa*. Campinas: Editora da Unicamp, 158-173.
- Pontes, E. 1987. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes.
- Salzmann, M. D. 2004. *Theoretical approaches to locative inversion*. Dissertação de Mestrado. Philosophical Faculty of the University of Zurich.
- Silva Neto, S. 1977. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença (1ª edição de 1950).
- Simango, S. R. 2007. Enlarged arguments in Bantu: evidence from Chichewa. *Lingua* 117(6), pp. 928-949.
- Tarallo, F. 1996. Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: I. Roberts & M. Kato (orgs.). *Português Brasileiro – Uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, pp. 35-68.